

APRESENTAÇÃO

Neste número 59 inaugura-se uma nova fase da *Revista Brasileira de História*, com a edição exclusivamente digital e também com sua versão em inglês. Esse novo formato, no entanto, mantém o compromisso de dar continuidade à linha editorial dos números anteriores, e de ao mesmo tempo enfrentar os desafios que ora se apresentam.

Essa mudança representa uma nova etapa na história da RBH. Nossa tradição historiográfica de valorização dos textos e arquivos em papel nos faz temerosos desses novos suportes da escrita. No entanto, as aceleradas transformações sofridas pelo mercado editorial na atualidade implicam uma tendência crescente à digitalização dos periódicos. A publicação eletrônica permite viabilizar a utilização da tecnologia com vistas ao enriquecimento da produção historiográfica, ou seja, abre-se a possibilidade de uma escrita da história que vai além das palavras e passa a compor narrativas com imagens, hipertextos, ambientes em 3D e tudo mais que o suporte digital puder oferecer aos pesquisadores. Tal mudança tem ainda por objetivo a internacionalização da produção historiográfica brasileira, além da diminuição dos custos e das dificuldades logísticas relacionadas ao armazenamento e à distribuição.

Neste número, o dossiê “História e Historiadores” reuniu cinco artigos que apresentam uma discussão acerca do papel e das concepções de história e de historiadores que marcaram a historiografia brasileira. O texto de Rebeca Gontijo tece relações entre a trajetória de Capistrano de Abreu em busca de um lugar para si mesmo, num espaço social determinado, e sua trajetória em busca de uma interpretação sobre o Brasil.

O texto de Maria da Glória de Oliveira analisa no Brasil oitocentista a constituição de um regime historiográfico com pretensões científicas. O objetivo central do artigo é analisar as figurações que definiram qualidades e competências específicas para o estudo e a escrita da história, notadamente nas biografias de alguns “homens de letras”, publicadas na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* ao longo do século XIX.

O artigo de Vânia Moreira visa evidenciar a importância da historiografia como ferramenta organizadora dos direitos indígenas durante a estruturação do regime imperial no Brasil. Merecem destaque as divergências historiográficas

entre defensores e detratores da presença indígena na história nacional e a conexão dessa discussão intelectual com a política indigenista imperial.

Roquinaldo Ferreira analisa o advento, a consolidação e a transformação dos Estudos Africanos nos Estados Unidos entre a década de 1960 e os dias atuais. Seu artigo tem como propósito discutir o contexto acadêmico, político e geopolítico que lastreou a criação desse campo de estudos. Para tanto, enfatiza as transformações na sociedade americana nos anos 1960, sobretudo o movimento pelos direitos civis dos afro-americanos, assim como o contexto internacional, particularmente a Guerra Fria.

Arthur Assis oferece uma interpretação do livro *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda, que reconta a história política brasileira da segunda metade do século XIX. Baseando-se em conceitos desenvolvidos pelo teórico da história Jörn Rüsen, o autor detém-se particularmente em três aspectos do referido livro: os artefatos teóricos que presidem a interpretação da crise da Monarquia brasileira, os padrões narrativos que dão suporte à constituição de sentido sobre essa experiência do passado, bem como o contexto atual de orientação que serviu de parâmetro de significado/sentido à interpretação e à representação.

Encerrando o dossiê, Mônica Jinzenji e Ana Maria Galvão analisam os diversos olhares sobre a história do Brasil produzidos e apropriados em três obras historiográficas da primeira metade do século XIX: *History of Brazil*, de R. Southey, *Histoire du Brésil*, de A. Beauchamp, e o conteúdo de história do Brasil publicado no semanário *O Mentor das Brasileiras*. A análise dessas obras permite verificar os trabalhos de tradução e adaptação dos textos e de transformação nas materialidades dos suportes realizados por seus autores.

Os demais artigos do número focalizam temáticas variadas. O texto de Jacqueline Hermann procura mapear, com base na vida e na trajetória política de d. Antônio, Prior do Crato, algumas questões para o estudo da história política e cultural ibérica na virada do século XVI para o XVII.

José Luís Cardoso escreve sobre as motivações que estiveram na origem da criação do primeiro Banco do Brasil, instituído em 1808, e as razões do fracasso no cumprimento da sua missão.

Marcelo Henrique Dias trata os processos de extração, beneficiamento e comércio de madeiras de lei no território da capitania de Ilhéus, sobretudo a partir do momento em que a Coroa portuguesa passou a explorar diretamente esse negócio. A análise recai sobre a dimensão, os mecanismos administrativos, os destinos do comércio e sua importância no conjunto da economia regional.

Denise Moura apresenta em seu texto os primeiros resultados de uma pes-

quisa sobre o comércio costeiro e suas relações com o funcionamento do sistema colonial e com o contexto da Independência.

Por último, Rodrigo Patto Sá Motta em “Modernizando a repressão: a Usaid e a polícia brasileira” analisa a atuação da United States Agency for International Development (Usaid) no Brasil: a assessoria para treinamento e modernização técnica das corporações policiais. O texto procura sintetizar os aspectos mais importantes do funcionamento desse programa – que no Brasil esteve em vigor entre 1960 e 1972 –, buscando compreender os objetivos de ambos os lados envolvidos, com o propósito de evitar apreensões simplificadas.

Finalizamos este número da RBH com três resenhas que apresentam ao leitor textos relevantes para a renovação do debate historiográfico. André de Melo Araújo resenhou a obra *The case for books: past, present and future*, de Robert Darnton. Pedro Spinola apresenta o livro de Valdei Lopes de Araújo, *A experiência do tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira*, e Elisa Garcia assina a resenha sobre a obra de Maria Regina Celestino sobre *Os índios na história do Brasil*.

Conselho Editorial